

Estratégia brasileira visa a manter volume da dívida inalterado

por Cecília Costa
do Rio

O presidente do Banco Central (BC), Fernando Milliet, informou ontem que um dos objetivos do governo brasileiro, na próxima negociação com os credores, além de assegurar uma taxa de crescimento econômico da ordem de 6 a 7%, é manter o volume da dívida externa inalterado, como percentagem do Produto Interno Bruto (PIB), ou mesmo obter um pequeno declínio.

Para isso, afirmou, o Brasil pretende garantir, com a apresentação de elevados superávits comerciais, uma parcela do pagamento dos juros e negociar, para cobrir a parcela restante, a capitalização ou a concessão de novos empréstimos, respeitando as regras bancárias de cada credor.

Essa parcela dos encargos, a ser financiada por meio da capitalização dos juros ou de dinheiro novo, segundo ele, não poderá representar um crescimento de dívida externa superior à taxa de crescimento do PIB. Quanto ao superávit comercial, neste ano, na opinião de Fernando Milliet, poderá atingir os US\$ 9 bilhões e no ano que vem "deverá ser elevado o suficiente para cobrir parcela preponderante dos juros".

Os credores brasileiros, frizou, podem continuar com a certeza de que a economia do País é viável.

Realizar uma negociação com o objetivo de obter apenas alargamento de prazo de pagamento, destacou ainda Fernando Milliet, é uma hipótese totalmente descartada pelo governo brasileiro. Logo, o "convívio com os credores deve ser longo", ou seja, existe a possibilidade de que a suspensão do pagamento dos juros seja mantida ainda por muito tempo, o que parece ter sido entendido, comentou o presidente do BC, pela direção do Citibank.

CONVERSÃO

Quanto à conversão da dívida em capital de risco, Milliet, que encerrou ontem o II Congresso Nacional de Executivos Financeiros, ao longo do qual o assunto foi bastante discutido, disse que "poderá ser um dos itens da negociação, mas não o mais importante". Um dos obstáculos à conversão, explicou, é o impacto monetário, aspecto bem prejudicial, devido ao nível atual da inflação. Por isso "o Banco Central vem estudando essa questão com muito cuidado, pois ao ser baixada uma nova regulamentação terão que ser estabelecidos limites muito rígidos".